

Apresentação

E eis que chegamos a duas mãos cheias! É com grande alegria que publicamos a nossa décima edição, justamente em um momento em que estamos concluindo uma série de adaptações na RCD que nos permitirão estarmos inseridos em novas bases de dados. Agradeço em especial à nossa bolsista Thais Pinho, que realizou com grande empenho, dedicação e competência essas adaptações que permitirão que nossos artigos tenham maior circulação.

Este número presta uma homenagem aos dez anos das jornadas de 2013, as quais marcaram a emergência do midiativismo no Brasil, aqui definido como a produção ativista em audiovisual veiculada na internet. As interpretações sobre os impactos deste movimento são muito diversas e contraditórias. Destacamos aqui para prestar essa homenagem à coragem, a perseverança e a esperança daqueles que disponibilizaram suas almas e seus corpos para participar destas lutas por melhorias na qualidade de vida do brasileiro. Nosso muito obrigado àqueles que se dispuseram a colocar os seus corpos em risco para ampliar as nossas vozes; que não esmoreceram diante da violência física e simbólica promovidas respectivamente pelo Estado e pelas mídias corporativas (há quem diga que se trata da mesma pessoa rs); e que mantiveram e mantêm a esperança em dias melhores para os nossos filhos.

A relevância deste movimento merecia um destaque maior por parte da RCD, que só tardiamente convidou alguns midiativistas para enviarem textos para compor uma espécie de “mini dossiê” sobre o tema. Dado o andar da hora e seus inúmeros afazeres, somente uma delas concretizou o envio de um relato de experiência. E que relato! Falando do ponto de vista dos advogados que assessoram o movimento, Maria Goretti Costa, com enorme sensibilidade e autenticidade, nos apresenta os bastidores dos fronts de batalha entre a imprensa alternativa e a polícia, demonstrando a capacidade de mobilização alcançada nas mais diversas esferas da sociedade em prol deste movimento de comunicadores. Seu relato aponta, sobretudo, para as diferenças entre os reais objetivos das mobilizações e as representações sobre estas criadas e ampliadas pela mídia corporativa; e para os impactos que estas últimas tiveram para a subversão destes objetivos dentro do próprio movimento, que mudou seus rumos e que precisa ainda produzir mais narrativas por aqueles que dele efetivamente participaram para podermos analisar com mais propriedade os seus impactos sociais. Que o relato de Maria Goretti inspire seus colegas para oferecerem novas contribuições. A RCD estará sempre aberta para aqueles que acreditam que os avanços sociais só são alcançados mediante mobilização social, seja a que matriz ideológica você pertencer.

Ao lado desta homenagem aos midiativistas, podemos dizer que nosso décimo número constitui também um prolongamento do dossiê sobre comunicação, educação e sustentabilidade publicado na edição anterior, já que três dos nossos cinco textos estão relacionados a este tema.

Em primeiro lugar, merece grande destaque a entrevista realizada com Pedro Henrique Telles de Barros, gerente de sustentabilidade da Movida. Pedro nos foi apresentado pelos parceiros do LivMundi, com os quais desenvolvemos um projeto de extensão. Ele vem colaborando nos cursos de Comunicação e Sustentabilidade que temos ministrado e, em sua última edição, gravamos a sua participação, que foi editada por mim, dando origem a essa contribuição para a seção Diálogos. Ao mostrar que os desafios relacionados à questão da sus-

tentabilidade podem ser enfrentados de forma séria e efetiva por qualquer tipo de instituição - mesmo aquelas que, em sua essência, proporcionam graves danos ambientais -, a conversa com Pedro contribui para abrir portas para um universo que só recentemente vem sendo mais explorado pelas empresas e consumidores. Tendo como pilares uma política de compensação de danos que já promoveu o plantio de árvores em número bastante significativo, contribuindo para a manutenção e a recuperação de um amplo corredor ecológico; e uma política de substituição da frota de veículos de motor à combustão por motores elétricos, a Movida vem destacando-se dentre aquelas mobilizadas em torno das questões ambientais. A conversa revela também a importância da lógica da colaboração que vem sendo desenvolvida entre as empresas que compõe o sistema B, que vem atuando de modo muito mais amplo do que um simples órgão de certificação.

O primeiro artigo desta edição traz a tona o debate acerca da influência das propagandas nos hábitos alimentares das crianças. O texto nos traz o convite para refletir sobre a necessidade de regulação do setor publicitário por parte do Estado; sobre os tipos de relação entre pais e filhos que se estabelecem na contemporaneidade; sobre o tempo de exposição à tela associado a estes tipos de relações; e, em última instância, sobre as possibilidades de alternativas mais sustentáveis de vida diante de um contexto tão adverso, e que passam, em grande instância, pelas questões relacionadas a nossa alimentação. É assustador que, mesmo cientes dos malefícios causados pelos produtos ultra processados, os pais os mantenham como a base da dieta dos seus filhos, conforme relata a pesquisa que dá origem ao texto.

O segundo artigo aponta de modo mais direto para as questões relacionadas à sustentabilidade ao analisar as estratégias narrativas de um programa de tv que apresenta ações de jovens voltadas para a proteção ambiental. Por meio da análise do programa “Ideias para mudar o mundo”, Pablo Vallejos nos mostra como a linguagem televisiva - tão criticada pela bibliografia especializada no sentido de esvaziar conteúdos e debates relevantes - pode também ser utilizada para despertar segmentos da sociedade, no caso os jovens, para a reflexão sobre temas importantes da agenda contemporânea. O artigo serve de estímulo para que análises semelhantes possam ser produzidas, possibilitando a formulação de um quadro comparativo sobre a produção imagética voltada para a educação ambiental.

E, por fim, a RCD traz uma resenha de *Menino 23*, docudrama dirigido por Belisário França que se tornou uma referência dentre os documentários performáticos brasileiros. A partir de um texto atento e comprometido, Luana Duarte nos apresenta os caminhos seguidos pelo diretor para trazer à tona o racismo submerso nas estruturas sociais brasileiras. Ampliando as análises para além das questões raciais, a autora mostra como a repressão e a violência física e simbólica por parte do Estado e de representantes das elites nacionais serviram ao longo da história para censurar e silenciar as injustiças sociais promovidas pela sociedade patriarcal, escravagista e militarizada que historicamente vem se reproduzindo no país.

Esta resenha pode ser vista também como um aperitivo apimentado para o nosso próximo número, que está propondo um dossiê sobre a retomada da produção cultural brasileira. O bastão agora está com os artistas, produtores e estudiosos da cultura. Que estes possam generosamente deixar a sua contribuição para que a primeira dezena de números da RCD se multiplique!

Marcelo Hernandez Macedo